



XVII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA
Universidade, desenvolvimento e futuro na Sociedade do Conhecimento

Mar del Plata – Argentina
22, 23 e 24 de novembro de 2017
ISBN: 978-85-68618-03-5



O POTENCIAL DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS E AS OPORTUNIDADES QUE O BREXIT PODE PROPORCIONAR AO BRASIL: ENXERGANDO AS LUZES NO FIM DO TÚNEL

ALLAN CORDEIRO DA SILVEIRA

Universidade Federal de Juiz de Fora

allancordeiro2@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a disparidade regional que o programa Ciência sem Fronteiras apresenta no que concerne à distribuição de bolsas entre as regiões do Brasil, com o intuito de analisar como o programa pode se tornar mais holístico com base em projetos mais consolidados como, o Erasmus. Também analisamos como o Brasil pode angariar novas parcerias educacionais com o Reino Unido pós-Brexit. Em termos metodológicos, uma pesquisa documental de caráter qualitativo foi realizada por meio de dados coletados em sites oficiais e literatura sobre os programas. Os resultados confirmam a disparidade regional, apontam caminhos para que o Ciência sem Fronteiras se torne um programa mais abrangente e vislumbra possíveis parcerias educacionais com o Reino Unido pós-Brexit.

Palavras-chave: Ciência sem Fronteiras, Erasmus, Brexit, mobilidade acadêmica.

1. INTRODUÇÃO

O processo de internacionalização do Ensino Superior no Brasil tem sido assunto de debates e de pesquisas no meio acadêmico. Uma das maneiras de viabilizar esse fenômeno é por meio da oferta de bolsas de estudo concedidas por institutos, universidades e governos. A relevância do assunto se dá no âmbito do crescimento de ofertas de bolsas para o exterior pela CAPES¹. De acordo com Westphal (2014), a atuação da fundação elevou o número de bolsas para 33.179 em 2013, após a criação do programa Ciência sem Fronteiras, caracterizando um aumento significativo da oferta de bolsas em comparação com os anos anteriores 12.041(2012), 6361 (2011), 4.902 (2010).

Um das motivações para a criação do programa é o baixo número de profissionais qualificados nas áreas STEM². Esse cenário incentivou o governo brasileiro a enviar um elevado número de estudantes de graduação e pós-graduação para o exterior, com o intuito de atualizar o conhecimento desses profissionais, bem como promover o desenvolvimento da ciência e da economia nacional.

Apesar do sucesso expresso em números, problemas foram observados nas análises das primeiras turmas do programa Ciência sem Fronteiras. Apesar de possuírem agendas diferentes, outros projetos mais consolidados e antigos, como o Erasmus, podem servir de modelo para que essas adversidades sejam superadas para próximas versões.

Tendo em vista as dificuldades que o Ciência sem Fronteiras tem apresentado devido à conjuntura de crise político-econômica no Brasil, a saída do Reino Unido da União Europeia pode representar uma oportunidade para que o programa amplie sua abrangência e angarie recursos que antes seriam destinados à União Europeia. Essas parcerias seriam viabilizadas por meio de acordos entre o Brasil e o Reino Unido, pois há um retrospecto positivo de cooperações e interesses mútuos entre as duas nações.

Dessa forma, apresentamos as perguntas de nossa pesquisa que norteiam o trabalho:

Como o programa Ciência sem Fronteiras pode ser mais holístico com base no programa Erasmus? A disparidade regional e a não contemplação das Humanidades e Ciências Sociais podem ser prejudiciais para o processo de internacionalização da universidade?

Como o Brasil pode fomentar novas parcerias educacionais com o Reino Unido pós-Brexit, tendo em vista as experiências positivas do programa Ciência sem Fronteiras em territórios britânicos?

No item 1, uma introdução ao assunto foi realizada. No item 2, faz-se um panorama sobre os programas Ciência sem Fronteiras e Erasmus. No item 3, descrevem-se os dados coletados para o trabalho e no item 4, uma análise e interpretação desses dados são feitas, assim como questões centrais são abordadas. No item 5, concluímos o trabalho com as considerações finais e indicações de potenciais tópicos a serem pesquisados.

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

² STEM – Science, Technology, Engineering and Mathematics (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Seguindo a perspectiva da internacionalização da educação mundial, os números do programa Ciência sem Fronteiras (CsF) sugerem que se trata da maior iniciativa de mobilidade acadêmica realizada no Brasil. O lançamento do programa foi anunciado pela presidente Dilma Rousseff em 26 de julho 2011. O CsF tem parceria com o Ministério da Educação (MEC) por intermédio de suas instituições de fomento: CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2016).

O programa CsF tem como objetivos expandir e internacionalizar a produção científica nacional, assim como fomentar a competitividade das empresas brasileiras no cenário mundial com o intuito de investir recursos em profissionais qualificados, aumentar a presença de pesquisadores e estudantes em instituições de ponta no exterior e atrair cientistas e pesquisadores visitantes temporariamente ou permanentemente para o Brasil. (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2016).

A oferta inicial foi de 101.000 bolsas de estudo para alunos de graduação e pós-graduação, professores e técnicos. Essa proposta envolveu um investimento de mais de US\$6.4 bilhões de reais. Os participantes foram contemplados com bolsas de estudo para universidades de ponta, em sua maioria, em países do hemisfério Norte.

No que tange à distribuição das bolsas, as áreas STEM foram privilegiadas devido à carência de profissionais com esse perfil. Ao mesmo tempo, a exclusão das Humanidades e Ciências Sociais tem sido criticada por pesquisadores (CASTRO *et al.*, 2012; ARCHANJO, 2015, 2016).

Com relação ao destino dos estudantes, os três principais têm sido os Estados Unidos (27.821), seguidos pelo Reino Unido (10.740) e o Canadá (7.311) (CAPES, 2016). Tendo em vista essa demanda por destinos majoritariamente anglofônicos, o governo brasileiro lançou a plataforma *MEO (My English Online)*³ com o intuito de prover o acesso a conteúdos em língua inglesa para membros da comunidade acadêmica e auxiliar seus usuários na obtenção de proficiência linguística desejada, atestada por meio do exame TOEFL.

A proficiência linguística nessa língua é um requisito para participar do programa. Ao mesmo tempo, essa condição expôs um problema estrutural da educação brasileira, que é o ensino de línguas estrangeiras. O British Council (2014) confirmou essa falha em um relatório que aponta que somente 5% da população brasileira tem conhecimento em inglês. Esse fato reflete a barreira linguística que se coloca nos esforços do Brasil em internacionalizar suas universidades. Em conformidade com esse número, o relatório nacional de proficiência em

³ Disponível em <http://www.myenglishonline.com.br/saiba-mais/o-curso>. Acesso: 24 julho 2017.

inglês do MECb (2017) apontou que 0.4% do alunos têm o nível A1, 44.5% A2, 30.7% B1, 20.9% B2 e 3.6 % C1⁴, respectivamente.

A partir da percepção dessa necessidade, o governo brasileiro lançou em 2012⁵ o programa Inglês sem Fronteiras (IsF) para auxiliar os estudantes da plataforma *MEO* e para prepará-los para o exame supracitado. De acordo com Dorigon (2015), o IsF foi uma causa do CsF ao compararmos ambos os editais dos programas. O autor também indica que novos editais mais direcionados devem ser abertos. Desde então, a língua francesa e a espanhola ganharam evidência dentro do programa, culminando na criação do programa Idiomas sem Fronteiras em 14 de novembro de 2014⁶.

O programa Idioma sem Fronteiras foi elaborado por especialistas orientados pelo MEC, com o intuito de assistir alunos de Ensino Superior em sua participação em programas de mobilidade acadêmica e serve como projeto de parte da formação docente dos professores-bolsistas. Os idiomas atualmente disponíveis são inglês, francês, espanhol, italiano, japonês, mandarim, alemão e português para estrangeiros. As aulas são lecionadas para alunos de universidades estaduais, institutos federais de educação, ciência e tecnologia e demais IES públicas cadastradas no sistema e-MEC para alunos de graduação, pós-graduação e servidores públicos (BRASIL, 2017). Até 2017, 1.235.494 vagas foram ofertadas, 545.582 inscrições foram feitas e 342.158 testes TOEFL ITP foram corrigidos de acordo com o MEC (2017).

É evidente que o Ciência sem Fronteiras tem sido central no avanço das políticas linguísticas e no processo de internacionalização das universidades. Na mesma medida, a herança do CsF faz-se holisticamente notável e relevante, mesmo com as consideráveis disparidades regionais e nacionais que serão mencionadas *a posteriori*.

2.2 O PROGRAMA ERASMUS

Neste ponto, faz-se importante um breve panorama do programa Erasmus⁷. Esse projeto foi lançado no final da década de 80 e promove oportunidades de mobilidade acadêmica para estudantes de todo o mundo. O Erasmus contribui para que os sistemas educacionais europeus sejam mais compatíveis e consistentes, assim como oferece atividades e oportunidades para docentes e discentes em todos os países participantes⁸. A estimativa é que mais de 2.7 milhões de pessoas já tenham participado do programa, que tem de 3 a 12 meses de duração. Os participantes recebem auxílio financeiro dependendo do módulo escolhido (COMISSÃO EUROPEIA, 2016).

⁴ Quadro Comum Europeu Comum de Referência para Línguas. Disponível em https://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Framework_EN.pdf. Acesso: 11 agosto 2017.

⁵ Portaria Normativa nº 1466/2012.

⁶ Portaria Normativa nº 973/2014.

⁷ ERASMUS (EuROpean Community Action Scheme for the Mobility of University Students).

⁸ De acordo com a União Europeia (2012), os 33 países participantes e o ano de adesão ao programa são Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Grécia, França, Irlanda, Itália, Países Baixos, Portugal, Espanha e Reino Unido (1987), Luxemburgo (1988), Áustria, Finlândia, Islândia, Noruega, Suécia, e Suíça (1992), Liechtenstein (1994), Chipre, República Tcheca, Hungria, Polônia, Romênia e Eslováquia (1998), Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Eslovênia (1999), Malta (2000), Turquia (2004) e Croácia (2009).

O programa tem como objetivos o fortalecimento da identidade europeia (FLIGSTEIN, 2008; KUHN, 2011, 2012a, 2012b; RECCHI & FAVELL, 2009; ROEDER, 2011, STOECKEL, 2016) e o apoio a atitudes cosmopolitas (GUSTAFSON, 2009; MAU *et al.*, 2008). Cordeiro (2016) contrastou literatura relevante que apresenta publicações que confirmam e negam esse fortalecimento, apesar do número limitado de pesquisas disponíveis que enfatizam o aspecto político desse apoio no que concerne a atitudes e comportamentos.

O apoio financeiro que é fornecido aos estudantes depende do país de origem e de destino. Esse fato provê indícios no que tange à elitização do perfil dos membros do Erasmus, pois nem todos os gastos são custeados pelos governos, como no caso do Ciência sem Fronteiras. Vossensteyn *et al.* (2010) afirmam que muitos desses participantes são provenientes de classes mais abastadas que, inclusive, já fazem contatos entre fronteiras. Da mesma forma, Cadywould (2017) afirma que apesar de todos os pontos positivos do programa Erasmus, ele falha em atingir pessoas menos favorecidas financeiramente, minorias étnicas e pessoas que não vão à universidade.

A questão da empregabilidade entre os participantes é um aspecto relevante no Erasmus. Bótas & Huisman (2013, p. 745) utilizam a expressão "market value" para se referir ao "valor de mercado" que é adquirido pelos participantes do Erasmus após o programa. Empregadores em toda a Europa estão interessados nessa mão-de-obra qualificada. Bracht *et al.* (2006) afirmam que predicados como assertividade, flexibilidade e capacidade de planejamento aguçada são desejados pelos empregadores europeus e facilitam a entrada desses jovens no mercado de trabalho.

3. METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia, uma pesquisa documental de caráter qualitativo e quantitativo foi realizada com o intuito de coletarmos e analisarmos dados oficiais. Estatísticas disponíveis na página do Programa Ciência sem Fronteiras, "Bolsistas pelo mundo", "Painel de Controle" e para o programa Erasmus, "Results and Statistics" disponíveis na página do projeto foram analisadas.

As questões de pesquisa propostas que norteiam este trabalho têm como objetivo salientar a desigualdade regional brasileira que se reflete no programa Ciência sem Fronteiras. Da mesma forma, contribuem com discussões baseadas em experiências oriundas de programas mais antigos como o Erasmus. Outra questão proposta é o papel do Brasil para fomentar novas parcerias educacionais com o Reino Unido pós-Brexit. Recursos que seriam investidos no programa Erasmus poderiam ser investidos no Brasil, tendo em vista as experiências positivas do Ciência sem Fronteiras no Reino Unido.

4. RESULTADOS

4.1 CONCENTRAÇÃO DE BOLSAS NO CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

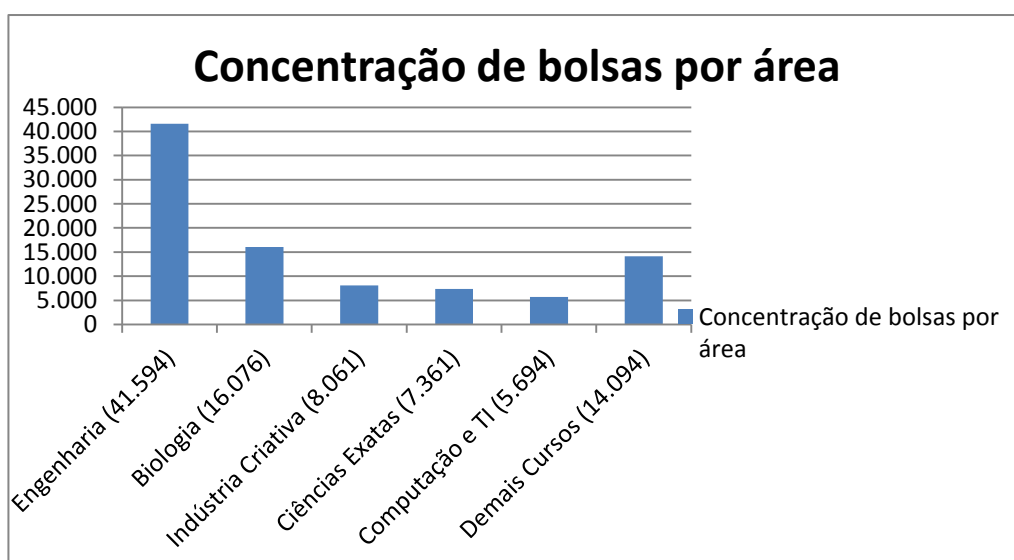
Nesta seção analisamos dados do trabalho. Alguns pontos relativos às perguntas de pesquisa sobre o programa Ciência sem Fronteiras e o programa Erasmus são reiterados. É traçado um panorama sobre o cenário do Reino Unido pós-Brexit relacionado ao programa Erasmus e às oportunidades de mais parcerias que podem surgir entre Brasil e Reino Unido. Dados coletados de páginas oficiais do governo, assim como informações em recentes

publicações sobre os programas são examinadas, seguido de apresentação dos resultados. Esse levantamento levou em conta a relevância da literatura para ambos os contextos da análise.

A questão sobre a concentração de bolsas no Ciência sem Fronteiras pode ser debatida em duas partes: a característica holística do Erasmus versus a prioridade para áreas STEM no CsF e a prevalência das regiões Sudeste e Sul no programa CsF, causando disparidade regional no processo de internacionalização das universidades brasileiras.

Primeiramente, os cursos de Engenharia e demais áreas tecnológicas prevalecem sobre os outros cursos no quesito número de bolsas concedidas no programa CsF, com um total de 41.594 (44,78%), mais do que o dobro do segundo curso, Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde com 16.076 (17,30%). Essas duas áreas sozinhas concentram 62,08% das bolsas, como ilustra o gráfico abaixo:

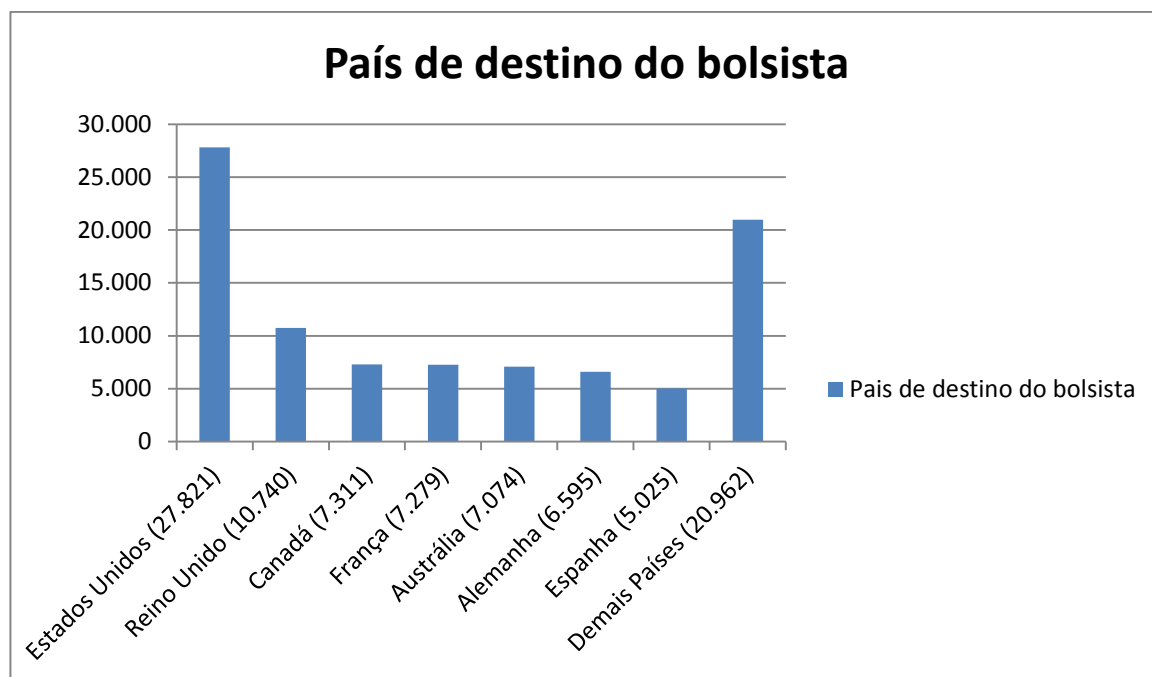
Gráfico 1: Concentração de bolsas por área.



Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.

No que concerne aos destinos mais procurados pelo curso de Engenharia, os Estados Unidos lideram com 13.002 bolsas concedidas (31,25% do total), quase três vezes mais do que a segunda nação que mais recebeu estudantes de Engenharia, o Reino Unido, com 4.706 (11,31% do total). Na realidade, os Estados Unidos só receberam menos estudantes em um curso, que é a Formação de Tecnólogos. Nessa área, o Canadá lidera como país hospedeiro com 78 estudantes, seguido pelos Estados Unidos com 51 participantes. Esses números sugerem que a política de STEM se faz evidente no programa com predominância do curso de Engenharia. Como, sugere o gráfico 2:

Gráfico 2: País de destino do bolsista.



Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.

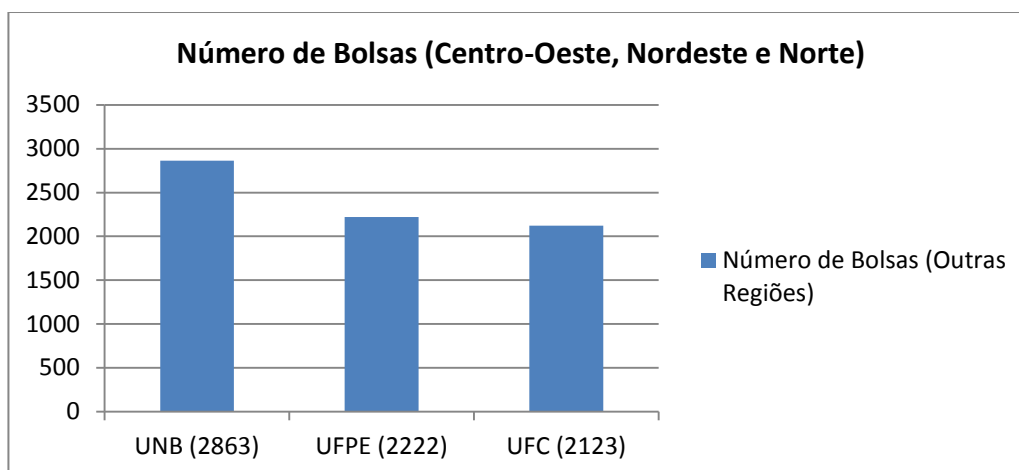
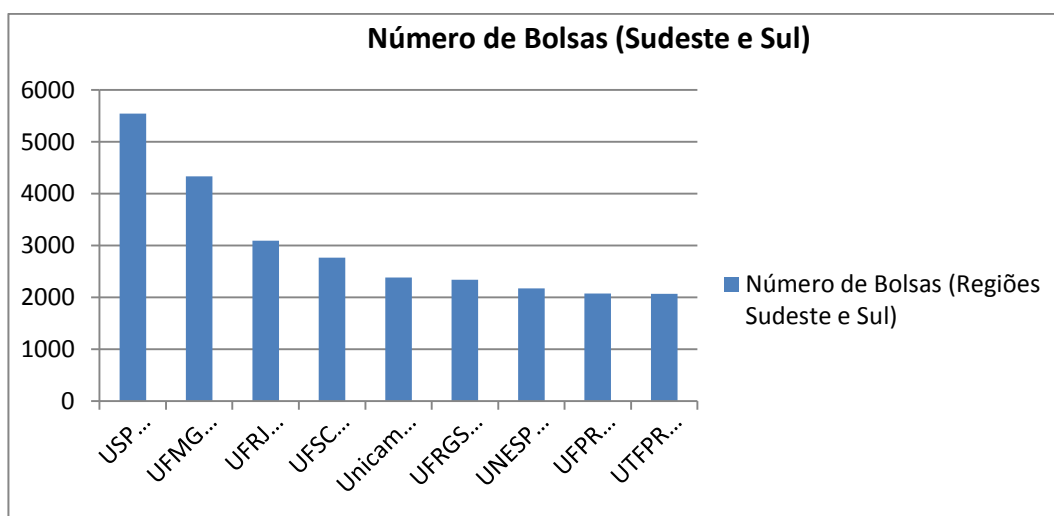
Na realidade, esses números estão em conformidade com o discurso da presidente Dilma Rousseff, que afirmou que o CsF foi arquitetado para inovar e fomentar o interesse por Ciências Exatas e Tecnologia no Brasil. (CAPES, 2014).

No que concerne às agendas dos programas CsF e Erasmus, fica evidente que ambos possuem objetivos diferentes. O programa Erasmus direcionou 22,01% de suas bolsas para Humanidades e Artes, 40,64% para Ciências Sociais, Direito e Negócios e 3,41% para Educação em 2013-2014, ou seja, um total de 66,06% do total de bolsas. Esses dados sugerem que o Erasmus é um programa mais holístico se comparado com o Ciência sem Fronteiras.

Em consonância com os dados do CsF, Archanjo (2015) afirma que a política STEM pode ser prejudicial para o país, tendo em vista que essa restrição não permite que profissionais de Humanidades tenham a oportunidade de frequentar universidades de ponta por meio do programa e, conseqüentemente, não realizem mobilidade acadêmica, fato que não auxilia a sanar um dos problemas crônicos da educação brasileira, que é a Educação Básica.

Outra questão a ser observada nesta análise é a discrepância no que concerne ao número de participantes entre as regiões do Brasil. As universidades brasileiras mais bem conceituadas de acordo com o QS World University Rankings® (2017) são a USP (Universidade de São Paulo), a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) nas posições de 120º, 191º e 321º, respectivamente. Todas essas universidades estão localizadas na região Sudeste. Essa parte do país que mais enviou alunos, com um total de 44620 participantes (48,36%), ao passo que a região menos representada é a Norte com 1458 alunos, apenas 11 alunos provenientes do estado do Acre. Os dados do Painel de Controle corroboram esse fato. Analisamos as informações e consideramos universidades que enviaram mais de 2.000 alunos. Pôde-se constatar que há nove universidades nas regiões Sudeste e Sul e somente três nas outras regiões:

Gráfico 3: Número de Bolsas (Sudeste e Sul) e Número de Bolsas (Centro-Oeste, Nordeste e Norte).



Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.

Os gráficos sugerem que uma participação mais efetiva das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste é necessária para o sucesso do programa e para o desenvolvimento do país equitativamente. É sabido que há um histórico de atraso em desenvolvimento dessas regiões por motivos socioeconômicos, dentre outros fatores sobre os quais não dissertaremos detalhadamente neste trabalho.

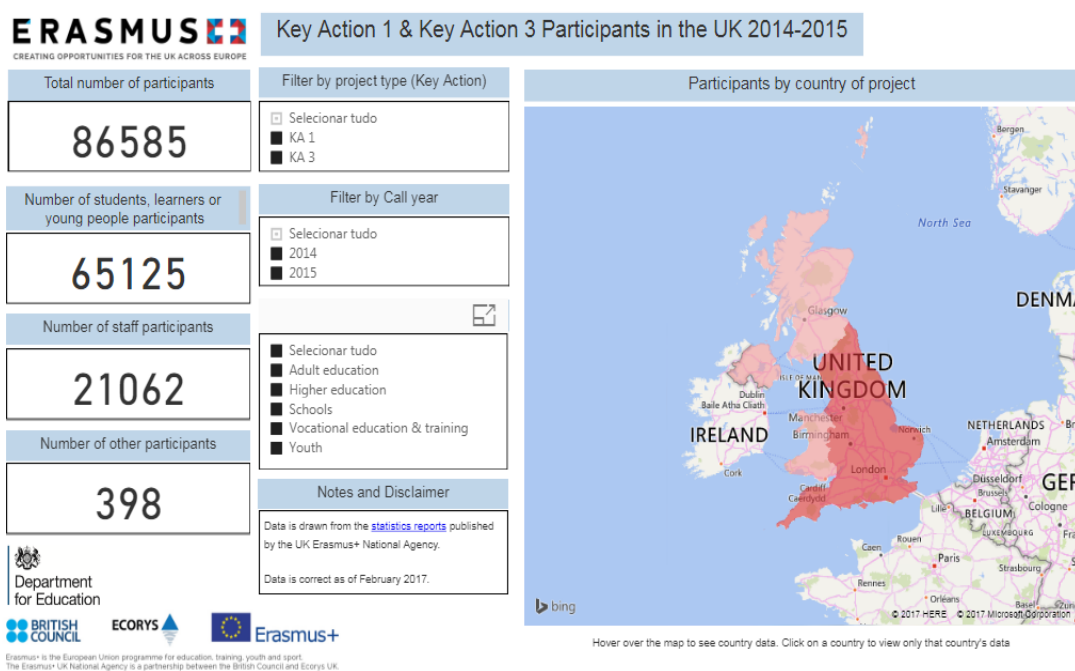
4.2 O REINO UNIDO NO ERASMUS

Outro fator analisado no artigo é o papel do Reino Unido pós-Brexit no Erasmus. Como serão as relações entre o Reino Unido e a União Europeia é uma incógnita após o Brexit. Muitas questões foram levantadas antes e depois da decisão, quiçá a mais complicada negociação de todos os tempos em termos sócio-políticos.

O papel do Reino Unido no Erasmus é de destaque, pois é umas das cinco maiores nações que mais recebem e enviam estudantes dentro do programa. De acordo com a Comissão Europeia (2014-2016), o RU recebe o dobro de participantes do que envia, sendo

um dos destinos mais populares no Erasmus. O número total de participantes do país foi de 86565 pessoas, correspondendo a um total de €363m (somando mobilidade, parcerias estratégicas e diálogo estruturado). Uma potencial desvinculação do Reino Unido poderia significar mais recursos que poderão ser destinados para iniciativas de mobilidade acadêmica com outros países que não são membros da União Europeia.

Gráfico 4: Participantes no Erasmus+ no Reino Unido 2014-2015.



Fonte: <https://erasmusplus.org.uk/statistics-0>.

No que concerne aos processos atuais e às metas para o futuro, a União Europeia lançou o Erasmus+ (2014-2017), que espera atingir mais de quatro milhões de pessoas, dentre elas voluntários, funcionários de universidades, professores, esportistas, dentre outros grupos em países fora da União Europeia. A prioridade é ampliar as oportunidades de emprego entre os jovens, lutar contra o racismo, o *doping* e a intolerância, trabalhar o desenvolvimento de habilidades e a autoconfiança. (ERASMUS+, 2016).

Os números indicam que o prejuízo da saída do Reino Unido do programa Erasmus+ pode ser impactante. As estatísticas de 2014-2016 revelam que o RU teve um total de 2910 projetos de mobilidade em todo o país, correspondendo a €263m. O resultado desses investimentos é dividido em três ações-chave. A primeira (KA1), e a que nos interessa nesse artigo, é a que trata das mobilidades.

Em 2015, houve a criação da “International Credit Mobility” (ICM) pelo qual os participantes (funcionários e estudantes de todos os ciclos e disciplinas) podem estudar em outras localidades fora do continente europeu por um período de 3 a 12 meses. Ele é baseado em acordos bilaterais entre instituições, administrado pelas Agências Nacionais e tem previsão de distribuir 135.000 benefícios em seis anos.

A União Europeia estipulou metas de sete anos para o programa na Ásia e na América Latina, um aumento de 25% do orçamento para projetos em países menos desenvolvidos dessas regiões. Os números de projetos em 2014, 2015 e 2016 foram de 823, 793 e 823, respectivamente. Em termos de KA1, em 2015, o Reino Unido teve 22678 participantes (18231 de estudantes e 4447 de funcionários) (ERASMUS+, 2017).

No entanto, a permanência do Reino Unido no Erasmus depende de muitas discussões. Não há uma resposta definitiva sobre o futuro do programa. Os jovens (18-24) que poderiam participar do programa votaram pela permanência do Reino Unido no último referendo, totalizando 73% do eleitorado (BBC, 2016). É importante salientar que a Suíça restringiu a livre circulação de pessoas e foi punida pela União Europeia em 2014, sendo excluída de projetos de pesquisa e do Erasmus (AGERHOLM, 2016).

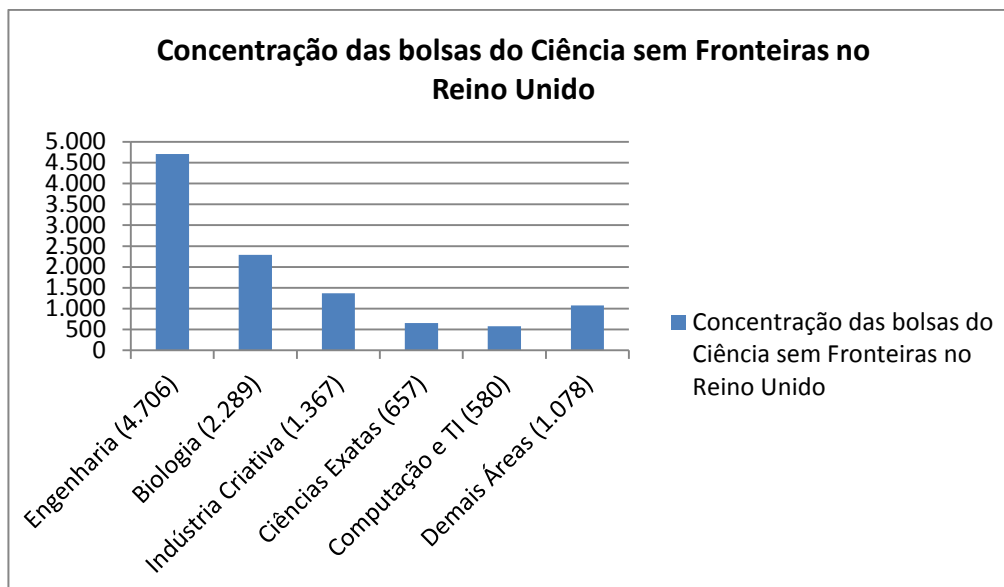
4.3 O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NO REINO UNIDO

Os resultados do programa Ciência sem Fronteiras no Reino Unido foram um sucesso qualitativamente e também quantitativamente. O HE International Unit (2015) constatou que 95% dos participantes do CsF no RU declararam estar altamente satisfeitos, ter melhorado seu nível linguístico e suas redes sociais de pesquisa e perceberam melhora em suas técnicas de resolução de problemas. Esses participantes também puderam fazer estágio em empresas no RU e levaram ensinamentos para o Brasil, certamente fortalecendo as relações entre Brasil e Reino Unido. Essa é uma das metas principais do programa CsF e pode ser ampliada se houver uma gestão eficiente que consiga captar esses recursos, que existirão com a saída do Reino Unido da União Europeia e, conseqüentemente, do Erasmus.

Mais acordos podem ser estabelecidos entre os dois países, e outras bolsas de estudo podem ser criadas com destino exclusivo e com cooperação internacional em interesses convergentes em áreas estratégicas como meio ambiente, economia, transporte urbano e segurança. Certamente, a língua inglesa pode ganhar um papel ainda mais central nessa relação e incentivar a ampliação do programa IsF. Vale ressaltar que o Reino Unido foi responsável por 10.740 bolsas no programa CsF, atrás apenas dos Estados Unidos.

As Engenharias e demais áreas tecnológicas lideram o número de bolsas concedidas (4.706), seguidas pela Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde (2.289) e pela Indústria Criativa (1.367). O gráfico abaixo mostra as áreas que mais enviaram alunos para o Reino Unido:

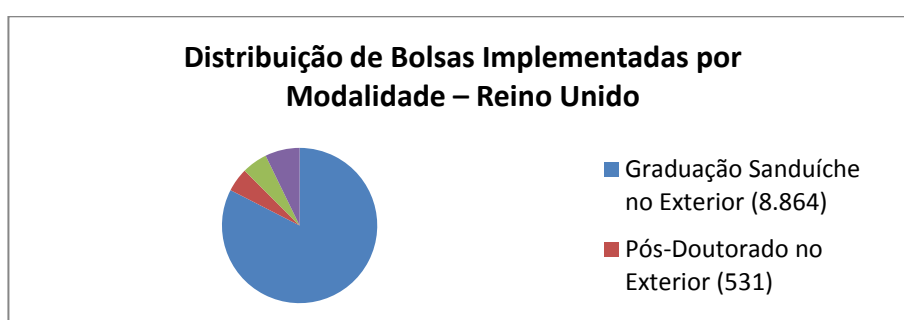
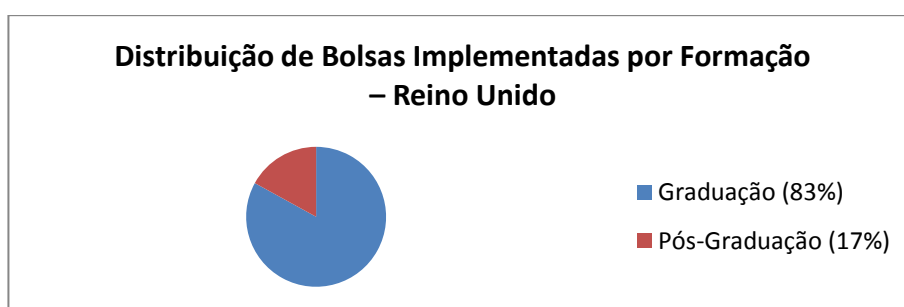
Gráfico 5: Concentração das bolsas do Ciência sem Fronteiras no Reino Unido



Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.

Outro fator a ser trabalhado pelo Ciência sem Fronteiras é a concessão de bolsas de mestrado, tendo em vista que 83% das bolsas foram para a graduação e 17% para a pós-graduação. Dentre a porcentagem das bolsas de pós-graduação, 4,94% foram para pós-doutorado, 5,31% para doutorado, 7,20% para doutorado sanduíche. Não houve oferta de bolsas de mestrado para o Reino Unido. Esse é um ponto a ser repensado pelo governo brasileiro e as autoridades britânicas para futuras parcerias. Um exemplo de sucesso de instituição que oferece bolsas de mestrado para o RU é o programa Chevening, que envia anualmente estudantes de todo o mundo para cursarem essa modalidade em diversas universidades de ponta do Reino Unido.

Gráfico 6: Distribuição de Bolsas implementadas por Formação e Bolsas implementadas por Modalidade – Reino Unido.



Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.

5. CONCLUSÃO

O primeiro ponto do estudo era investigar como o programa Ciências sem Fronteiras pode adquirir uma característica mais holística com base no programa Erasmus no que tange à política estabelecida pelo governo brasileiro de privilegiar ciências STEM.

Uma consideração para a melhoria desse cenário é a criação e a implantação de um projeto de mobilidade acadêmica específico para cursos de licenciatura. No que diz respeito ao ensino/aprendizado de línguas estrangeiras, as áreas de Letras e Pedagogia merecem destaque, pois são disciplinas que fornecerão profissionais responsáveis pela formação linguística de candidatos de outras áreas, especialmente os menos providos de recursos financeiros para arcar com despesas de um curso livre. O perfil dos professores do Inglês sem Fronteiras é de 79% de alunos licenciados, 11% de docentes efetivos, 9% de alunos de pós-graduação, 3% de docentes substituto-temporários, 2% de docentes visitantes e 2% de técnicos administrativos licenciados. Todos esses profissionais atuaram na área de Letras-inglês (MECb, 2017).

Apesar de o Idiomas sem Fronteiras ser um legado significativo do Ciência sem Fronteiras, as universidades têm se esforçado para manter o Isf em pleno funcionamento devido à atual conjuntura socioeconômica do Brasil. Um exemplo da relevância da manutenção desse programa foi o acompanhamento prestado por membros do IsF a delegações de oito países durante os jogos olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Em torno de 330 pessoas treinaram nas dependências da Universidade Federal de Juiz de Fora e receberam esse auxílio linguístico nos idiomas inglês e francês, com o apoio do Departamento de Relações Internacionais da UFJF. (UFJF, 2016; UFJFb, 2016)⁹.

O segundo ponto do trabalho era analisar a prevalência da distribuição de bolsas das regiões Sudeste e Sul no programa CsF e a disparidade causada por essa diferença no processo de internacionalização da universidade.

A desigualdade econômica entre as regiões do Brasil fica evidente na análise dos dados do programa, pois a maioria das vagas foi ocupada por estudantes das regiões Sudeste e Sul. Configura-se um dos desafios a serem superados pelos gestores e pelo governo nas próximas edições do programa. A criação de novas universidades nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste pode equalizar esses números. Parte desses recursos poderia vir de novos convênios com o Reino Unido dentre outros países.

Sobre as relações entre Brasil e Reino Unido e as possibilidades de parcerias entre os dois países, o embaixador Vijay Rangarajan mantém perspectivas positivas, apesar do cenário de incertezas do pós-Brexit. O diplomata afirma que o Reino Unido tem a intenção de duplicar o total de investimentos comerciais no país, que tiveram um aumento de 30% nos últimos três anos. O montante é de R\$12 bilhões, com um programa de R\$330 milhões para iniciativas a fim de reduzir a pobreza e aumentar a quantidade de empresas brasileiras no Reino Unido (ODILLA, 2017).

⁹ As delegações eram provenientes do Canadá, China, Eslováquia, Estônia, Polônia, Qatar e Egito.

Para concluir, o congelamento do programa Ciência sem Fronteiras foi importante para que uma reestruturação fosse feita. No entanto, mais estudos são necessários para que haja um planejamento capaz de melhorar os resultados do programa. Um processo de seleção mais rigoroso indica ser um primeiro passo para resultados expressivos.

Os dados sugerem que os desafios para as novas versões do CsF são numerosos. Outras pesquisas incorporando métodos similares, e em proporções maiores, seriam importantes. O presente estudo se limitou em analisar somente os dados disponíveis nas plataformas do programa, o que não nos permite generalizar os resultados para determinada instituição.

Como sugestões para futuras contribuições, indicamos uma investigação sobre os desafios de como tornar as universidades brasileiras atrativas para o investimento do Reino Unido pós-Brexit, como atrair esses pesquisadores tendo em vista o novo desenho político nacional. Como o Ciência sem Fronteiras pode tornar suas iniciativas mais holísticas e como o programa pode aprender com as experiências bem sucedidas do Erasmus, especialmente o Erasmus Mundus. A saída do Reino Unido da União Europeia pode significar para o Brasil uma oportunidade para que novas parcerias sejam realizadas não somente no âmbito comercial, mas, sobretudo, na esfera educacional.

REFERÊNCIAS

AGERHOLM, Harriet. (2016) *Erasmus university international exchange scheme may ban British students after Brexit*. Disponível em <<http://www.independent.co.uk/news/education/education-news/erasmus-scheme-brexit-what-it-means-for-british-students-university-eu-referendum-a7153431.html>>. Acesso em: 28/07/ 2017.

ARCHANJO, Renata. Globalização e Multilinguagem no Brasil. Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 15, n. 3, 2015.

ARCHANJO, Renata. Knowledge without borders: Policies for Post-modern migrations. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 32, n. 2, p. 515-541, 2016.

BBC (2016). EU referendum: The result in maps and charts. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/uk-politics-36616028>>. Acesso em: 03/08/2017.

Brasil (2016). *Como o curso funciona*. Disponível em: <<http://www.myenglishonline.com.br/>>. Acesso em: 02/08/2017.

BÓTAS, Paulo Charles Pimentel; HUISMAN, Jeroen. A Bourdieusian analysis of the participation of Polish students in the ERASMUS programme: cultural and social capital perspectives. *Higher Education*, v. 66, n. 6, p. 741-754, 2013.

BRACHT, Oliver *et al.*. The professional value of ERASMUS mobility. *Kassel, Germany: Final Report, International Centre for Higher Education Research, INCHER*, 2006.

BRASIL. *O Programa*. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27/07/ 2017.

BRITISH COUNCIL. *Learning English in Brazil: Understanding the aims and expectations of the Brazilian emerging middle classes*. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/learning_english_in_brazil.pdf>. Acesso em: 02/08/2017.

CADYWOULD, Charlie. On the merits of the UK staying in Erasmus post-Brexit—and why the programme must look beyond university students. *LSE European Politics and Policy (EUROPP)*, 2017.

CAPEL. *O programa*. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>> Acesso em 27/07/2017.

CASTRO, Claudio M. *et al.* . Cem mil bolsistas no exterior. *Interesse nacional*, v. 2, p. 25-36, 2012.

Ciências sem Fronteira. *O que é?* Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em 02/08/2017.

CNPQ. *Segunda Etapa do Ciências sem Fronteiras oferecerá 100 mil bolsas*. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/noticiasviews//journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1982152>. Acesso em: 02/08/2017.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. *O que é?* Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 02/08/2017.

COMISSÃO EUROPEIA. Disponível em: <http://ec.europa.eu/education/tools/statistics_en.html>. Acesso em: 27/07/2017.

COMISSÃO EUROPEIA. *Administrative Data on the Erasmus Programme*. Unpublished CD. Brussels: European Commission, 2016

CORDEIRO, Allan. Benefits and Barriers in Multilingual Challenging Cross-border Contexts: *Advantages and Disadvantages of Erasmus and Science without Borders in a Globalized World*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Linguística Aplicada, Universidade de Londres, 2016.

DORIGON, Thomas. O Programa Idiomas sem Fronteiras Analisado a partir do Ciclo de Políticas. *BELT-Brazilian English Language Teaching Journal*, p. 4-20. 2015.

ERASMUS+. Disponível em: <<https://www.erasmusplus.org.uk/>>. Acesso em: 28/07/2017.

FLIGSTEIN, Neil. *Euroclash: The EU, European identity, and the future of Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

GUSTAFSON, Per. More cosmopolitan, no less local: The orientations of international travellers. *European Societies*, v. 11, n. 1, p. 25-47, 2009.

KUHN, Theresa. Individual transnationalism, globalisation and euroscepticism: An empirical test of Deutsch's transactionalist theory. *European Journal of Political Research*, 50, 811-37. 2011.

KUHN, Theresa. Why educational exchange programmes miss their mark: Cross-border mobility, education and European identity. *JCMS: Journal of Common Market Studies*, v. 50, n. 6, p. 994-1010, 2012.

KUHN, Theresa. Europa ante portas: Border residence, transnational interaction and Euroscepticism in Germany and France. *European Union Politics*, v. 13, n. 1, p. 94-117, 2012.

MAU, Steffen; MEWES, Jan; ZIMMERMANN, Ann. Cosmopolitan attitudes through transnational social practices?. *Global Networks*, v. 8, n. 1, p. 1-24, 2008.

MEC (Ministério da Educação). Disponível em: <<https://www.mec.gov.br/>>. Acesso: 28/07/2017.

_____. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/pesquisas-e-relatorios/>>. Acesso: 11/08/2017.

ODILLA, Fernanda. BBC: 'Investimento se faz na baixa: agora é a hora de investir no Brasil', diz embaixador britânico. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40833230>>. Acesso em: 06/08/2017.

QS World University Rankings®. Disponível em: <<https://www.topuniversities.com/subject-rankings/2017>>. Acesso em: 28/07/2017.

RECCHI, Ettore; FAVELL, Adrian (Ed.). *Pioneers of European integration: Citizenship and mobility in the EU*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2009.

ROEDER, Antje. Does mobility matter for attitudes to Europe? A multi-level analysis of immigrants' attitudes to European unification. *Political Studies*, v. 59, n. 2, p. 458-471, 2011.

STOECKEL, Florian. Do Erasmus students develop a European identity? How social interactions change the way citizens think about Europe. *LSE European Politics and Policy (EUROPP) Bloh*. 2016.

THE UK HE INTERNATIONAL UNIT. *Ciência sem Fronteiras Reino Unido: Impact of the Brazilian Scientific Mobility Programme 2012-2015*. Disponível em: https://issuu.com/internationalunit/docs/028_swb_brochure_v11_hr>. Acesso em 25/06/2017.

VOSENSTEYN, Hans *et al.*. *Improving participation in the Erasmus programme. Final report to the European Parliament*. 2010.

UFJF (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA). *Diretoria prepara mais de 150 alunos para acompanhar atletas olímpicos*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/noticias/2016/07/15/dri-realiza-seminario-com-152-alunos-aprovados-para-acompanhar-atletas-olimpicos/>>. Acesso em: 26/06/2017.

UFJFb (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA). Nove delegações irão treinar na UFJF para os Jogos Olímpicos. 2016. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/noticias/2016/06/15/ufjf-recebera-nove-delegacoes-para-as-olimpiadas/>>. Acesso em: 26/06/2017.

WESTPHAL, Angela Mara Sugamoto *et al.*. Egresso da primeira chamada do programa "Ciência sem Fronteiras": *reflexos no sistema educacional brasileiro (Learning with outcomes)*. 2014.